

O homem e a natureza no pensamento teológico-pedagógico de João Amós Comenius

*Edson Pereira Lopes**

Resumo

Nos últimos anos vem crescendo a discussão em torno das questões ambientais. Prova disto é que o ano de 2010 foi declarado, pela Organização das Nações Unidas (ONU), o ano da biodiversidade, com a finalidade de celebrar e valorizar a vida na terra e explicitar que o homem é parte integrante da natureza e tem a responsabilidade de protegê-la. A partir desta perspectiva, o presente artigo tem como o objetivo refletir a respeito da relação do homem com a natureza numa perspectiva teológico-pedagógica, tendo como referência o pensamento de João Amós Comenius, considerado o pai da Pedagogia Moderna.

Palavras-chave: Natureza; valorização da vida; teologia; pedagogia; Comenius.

The man and the nature in the pedagogic-theological thought of John Amós Comenius

Abstract

In the last years the discussion is growing around the environmental questions. Proof of this is in the fact that the year of 2010 was declared, for the Organization of the United Nations (UNO), the year of the biodiversity with the finality of celebrating and valuing the life in the land and setting out that the man is an integrant part of the nature and has the responsibility to protect it. From this perspective, the present article has like reflecting the objective as to the relation of the man with the nature in a perspective pedagogic-theological, taking the thought of John Amós Comenius as a reference, considering the father of the Modern Pedagogy.

Keywords: Nature; Valuing of life; Theology; Pedagogy; Comenius.

* Diretor da Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie e docente no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na mesma Universidade. E-mail: entlopes@gmail.com • edson.lopes@mackenzie.br .

El hombre y la naturaleza en la teología e pedagogía de Juan Amós Comenius

Resumen

En los últimos años una creciente discusión acerca de los problemas del medio ambiente. Prueba de ello radica en el hecho de que en el año 2010 fue declarado por las Naciones Unidas (ONU), el año de la diversidad biológica con el fin de celebrar y mejorar la vida en la tierra y explicar que el hombre es parte de La naturaleza y ha la responsabilidad de protegerlo. Desde esta perspectiva, este artículo tiene como objetivo reflejar la relación del hombre con la naturaleza en una perspectiva teológica pedagógica con referencia o pensamiento de Juan Amós Comenius, considerado el padre de la moderna pedagogía

Palabras clave: Naturaleza; Apreciación de la vida; Teología; Pedagogía; Comenius.

Introdução

O ano de 2010 foi declarado, pela Organização das Nações Unidas (ONU), o ano da biodiversidade e em seu *site* assinalava-se tratar-se de uma celebração da vida na terra e a valorização da diversidade da vida. Na resposta à pergunta quanto à razão da ONU ter escolhido o ano de 2010, explicita-se que o homem é parte integrante da natureza e está em seu poder protegê-la ou destruí-la. O vocativo do ano da biodiversidade tem como finalidade o cuidado da vida com vistas a um futuro melhor (THE UNITED..., 2010).

Tendo este fator como motivador e uma teologia que contempla as discussões que envolvem a reflexão e igualmente a ação – daí ser mais adequado pensar numa *práxis teológica* – pretende-se, neste artigo, refletir a respeito da relação do homem com a natureza numa perspectiva teológico-pedagógica, tendo como referência as obras *Didática magna* e *Pampaedia* de João Amós Comenius. Analisado, assim, trata-se de um foco inédito com relação ao pensamento comeniano; em função disso, para tanto, foi mister dividi-lo em três partes.

Na primeira tratou-se da “revolução científica” e o pensamento de João Amós Comenius. A seguir, discutiu-se a relação do homem com a natureza no pensamento teológico de Comenius. Por fim, assinalou-se a relação do homem com a natureza no pensamento pedagógico de Comenius.

1. A “revolução científica” e o pensamento de João Amós Comenius

Há várias formas de estudar o pensamento de João Amós Comenius. Uma delas é assinalar que suas ideias estão inseridas num período de transição com ecos da fase final da Idade Média. Outra forma é estudá-lo a partir da reflexão da Renascença, passando pela Reforma Protestante do

século XVI (LOPES, 2006, p. 70-85), com destaque para os reformadores Martinho Lutero e João Calvino, que certamente influenciaram seu modo de entender o mundo (SPRINGSTED; DIOGENES, 2010, p. 180). Outra forma é discutir o pensamento comeniano a partir do período de tempo entre a escrita da obra *De revolutionibus* de Nicolau Copérnico, em 1543, e a obra de Isaac Newton, *Philosophiae naturalis principia mathematica*, publicada em 1687, que Pearcy e Thaxton (2005, p. 15-17) denominam como período da “revolução científica”.

Optou-se por pensar as ideias comenianas sob este último *viés*, haja vista que esta nova cosmovisão afeta diretamente a relação do homem com a natureza. Ao pensar na “revolução científica”, não pode ser esquecido o humanismo, surgido num importante momento da Europa, isto é, o final da metade do século XIV (NUNES, 1980, p. 1).

O humanismo está focado na valorização dos assuntos humanos, é o que pontuam Springsted e Diógenes (2010, p. 187): “Os humanistas buscavam reintegrar-nos ao mundo da natureza e história como o lugar apropriado para a realização de nossas capacidades”. Abbagnano (2000, p. 518) afirma que o humanismo pode ser entendido como “qualquer movimento filosófico que tome como fundamento a natureza humana ou os limites e interesses do homem”.

Muitos cristãos associam o humanismo com um princípio filosófico que exclui a existência de Deus. Confundir, porém, o humanismo com o antropocentrismo é uma visão reducionista, pois, na história, encontram-se vários pensadores cristãos considerados humanistas, dentre eles está João Calvino. Hooft (1970, p. 7-8) afirma: “o ensino de Calvino sobre o humanismo cristão [...] fundado sobre o humanismo [...], pressupõe uma sociedade onde o homem age na qualidade de responsável perante Deus e responsável por seus irmãos”.

Em Biéler (1970), encontram-se argumentos que assinalam ser Calvino um humanista. A partir disso, é possível seguir a afirmação de Springsted e Diógenes (2010, p. 189): “O humanismo cristão é a visão de que a cultura humana é valiosa para a vida cristã”. Eles seguem o fundamento de suas afirmações da seguinte maneira:

Ela [a vida cristã] evita tanto a atitude do filitínismo – o vulgar denegrecimento dos genuínos empreendimentos humanos – como também a soberba de se dar mais importância à cultura humana do que seria compatível com uma existência de criatura. [Por fim, explicitam:] O fundamento teológico do humanismo cristão é que os seres humanos são feitos à imagem de Deus. Como criaturas nós temos objetivos naturais que são valiosos e só podem ser propriamente

alcançados dentro de uma cultura que reconheça [...] a supremacia e a graciosidade de Deus. (SPRINGSTED; DIOGENES, 2010, p. 189).

Entendido desta maneira, na concepção de Nunes (1980, p. 5), o humanismo propiciou uma renovação da vida cristã que colaborou para os direcionamentos da Reforma Protestante do século XVI, o que permite afirmar que humanismo e cristianismo não são opostos entre si. É bom lembrar que ele foi um importante passo no estudo da relação homem com a natureza, tornando-se uma relevante maneira no entendimento da vida humana.

A partir da valorização do homem-natureza – um dos pressupostos do humanismo –, foram desencadeadas manifestações que resultaram na “revolução científica”, na qual a “revolução astronômica” foi um importante elemento. Dentre seus representantes mais importantes destacam-se Copérnico (1473-1543), Kepler (1571-1630) e Galileu (1564-1642), os quais confluíram para a “física clássica” de Isaac Newton (ANTISERI; REALE, 1990, p. 185).

Era um mundo em transformações nas mais diferentes esferas, que resultaram diretamente numa nova compreensão de homem e de sua relação com a natureza. Assim, houve uma mudança gradativa do *geocentrismo* para o *heliocentrismo*.

A Terra, até então vista como centro do universo, deixa de sê-lo e passa a ser mais um corpo celeste (EBY, 1978, p. 2). Há fortes oposições religiosas cristãs às ideias heliocêntricas de Copérnico, porque suas autoridades eclesiásticas eram as detentoras da hermenêutica final da “verdade” de todas as coisas, conforme entendimento da Igreja Papal (FALCON, 1989, p. 31-35). Com relação aos protestantes, Antiseri e Reale (1990, p. 259) comentam as ideias de Lutero, Calvino e Melanchton da seguinte forma:

[...] com base nesses trechos da Escritura que Lutero, Calvino e Melanchton opuseram-se duramente à teoria copernicana. Em seus Discursos à mesa, Lutero parece ter afirmado (1539): “as pessoas deram ouvidos a um astrólogo de dois vinténs, que procurou demonstrar que é a Terra que gira e não os céus e o firmamento, o Sol e a Lua [...]. Esse insensato pretende subverter toda a ciência astronômica. Mas a Sagrada Escritura nos diz que Josué ordenou ao Sol – e não à Terra – que se detivesse”. No seu *Comentário ao Gênesis*, Calvino cita o versículo inicial do Salmo 93, que diz: “Sim, o mundo está firme, jamais tremerá”. E se pergunta: “Quem terá a ousadia de antepor a autoridade de Copérnico à do Espírito Santo”? E Melanchton, discípulo de Lutero, seis anos depois da morte de Copérnico, escrevia: “Os olhos nos testemunham que os céus efetuam uma revolução ao longo de vinte e quatro horas. Mas certos homens, por amor às novidades ou então para dar provas de genialidade, estabeleceram que a Terra

se move e afirmam que tanto a oitava esfera como o Sol não giram [...]. Pois bem: é uma falta de honestidade e de dignidade sustentar publicamente tais conceitos. E o exemplo é perigoso. É tarefa de toda mente sã aceitar a verdade como ela foi revelada por Deus e a ela submeter-se”.

Por outro lado, Pearcey e Thaxton (2005, p. 39) pontuam que as observações acima são historicamente questionáveis com base no princípio de que a “maioria dos reformadores ignorou a controvérsia com Copérnico, exceto por alguns comentários esparsos de ordem informal por Martinho Lutero e um sermão de João Calvino”. Segundo Pearcey e Thaxton (2005, p. 39), os comentários informais de Lutero só foram registrados vários anos depois, tendo por base a memória dos participantes da conversa; em função disso, não se pode afirmar como certo que Lutero teria depreciado o trabalho de Copérnico. No caso de Calvino, valem as considerações de Russell (1985, p. 42): “os historiadores insistem que Calvino jamais disse isso e que nunca atacou Copérnico em qualquer um de seus materiais escritos”.

O debate suscitado quanto à veracidade dos pronunciamentos dos reformadores Lutero e Calvino não altera o argumento de que o *geocentrismo* imperava na compreensão de mundo de muitos religiosos cristãos da época, os quais poderiam entender que o *heliocentrismo* contrariava a doutrina bíblica da criação do mundo e textos bíblicos como os de Eclesiastes, capítulo 1, versículos 4 e 5: “Gerações vêm e gerações vão, mas a terra permanece para sempre. O sol se levanta e o sol se põe, e depressa volta ao lugar de onde se levanta”, e do livro histórico de Josué, capítulo 10, versículo 13: “O sol parou, e a lua se deteve, até a nação vingar-se dos seus inimigos”.

Segundo alguns estudiosos dos avanços científicos (FALCON, 1989, p. 32), a “revolução científica”, por buscar a autonomia das proposições religiosas, regulada por um método corrigível e em progresso, com uma linguagem específica e clara, e com as suas instituições típicas, foi resultado de um longo e tortuoso processo na busca da ocupação de seu espaço no pensamento cristão ocidental, porque assinalava o confronto entre duas visões diametralmente diferentes de mundo, uma científica e a outra balizada na fé, segundo Falcon (1989, p. 32) com uma concepção de um mundo firmado fundamentalmente numa *cosmovisão* religiosa com forte influência das crenças da Idade Média e que só poderia resultar na oposição aos avanços de um “novo espírito científico”. A impressão de uma nova imagem do mundo é destacada nas palavras de Antiseri e Reale (1990, p. 198):

O resultado do processo cultural que passou a ser denominado de “revolução científica” foi uma nova imagem do mundo que, entre outras coisas, propõe

problemas religiosos e antropológicos não indiferentes. Ao mesmo tempo, representou a proposta de uma nova imagem da ciência: autônoma, pública, controlável e progressiva.

Todavia, não pode ser esquecido que esta proposta de “autonomia” convivia com a realidade da crença, bem presente, num Deus criador que imprimiu, em tudo o que há, uma ordem matemática e geométrica. Pearcey e Thaxton (2005, p. 17) contrariam os pressupostos de Falcon, bem como os de Antiseri e Reale, com a afirmação de que o “Cristianismo ofereceu um ambiente intelectual que conduziu à iniciativa científica”. Para estes autores, frases como “a guerra entre ciência e a religião’ são tão conhecidas que muitas pessoas nem sequer as questionam” (PEARCEY; THAXTON, 2005, p. 17). Daí suas afirmações:

É bem provável que o primeiro cientista tenha sido um indivíduo temente a Deus que não considerava a investigação científica e a devoção religiosa incompatíveis, pelo contrário, sua motivação para estudar as maravilhas da natureza era o ímpeto religioso de glorificar o Deus que as havia criado [...]. Cientistas e historiadores como Alfred North Whitehead e Michael B. Foster convenceram-se de que, longe de ser um impedimento para o progresso da ciência, o Cristianismo na verdade o incentivou – que a cultura cristã dentro da qual a ciência surgiu não foi uma ameaça; mas, sim, exerceu a função facilitadora (PEARCEY; THAXTON, 2005, p. 18-19).

Schaeffer, ao traçar uma linha histórica da revolução científica e a proposta de autonomia da ciência, pontua que nos dias da Reforma Protestante havia a concepção da real unidade de conhecimento. Não separavam a religião da natureza; entretanto, isso não implicava na ausência de liberdade científica; tratava-se do entendimento de que havia possibilidade para tal liberdade, mas que não só a ciência, a natureza e as artes, mas o próprio cientista estava debaixo da revelação das Escrituras (SCHAEFFER, 1986, p. 22).

Há que se reconhecer a pertinência dos argumentos acima; todavia, os princípios apontados por Pearcey, Thaxton e Schaeffer estão mais diretamente relacionados aos de João Amós Comenius, que viveu entre os anos 1592-1670 (período em que a “revolução científica” acontecia), o qual explicita em suas mais de 250 obras que a ciência e a religião não são incompatíveis – daí registrar nelas a interrelação da fé com a ciência. Visto desta maneira, ele é uma das provas de que a ideia quanto à incompatibilidade entre a religião e a ciência não surge necessariamente com a revolução científica. Pearcey e Thaxton sublinham que esta concepção surgiu com os trabalhos de John

William Draper (1811-1882) e Andrew Dickson White (1832-1918), os quais pretendiam provar os efeitos perniciosos do Cristianismo sobre o progresso da ciência, quando esta buscava intervir ou explorar a natureza (PEARCEY; THAXTON, 2005, p. 18-19).

2. A relação do homem com a natureza no pensamento teológico de João Amós Comenius

No estudo da *Didática magna* e da *Pampaedia* de Comenius, percebe-se sua fé explícita na defesa do criacionismo. Para ele, Deus criou todas as coisas, visíveis e invisíveis, e a criação reflete sua sabedoria e divindade.

E tendo feito o homem à sua imagem, dotado de mente, para que à mente não faltasse alimento, dividiu as criaturas em muitas espécies, para que este mundo visível fosse como um espelho finíssimo do infinito poder, sabedoria e bondade de Deus, cuja contemplação suscitasse admiração pelo criador, promovesse o seu conhecimento, despertasse o amor por ele, e realmente, permanecendo invisível, oculto no abismo profundo da eternidade, ele se manifesta em toda parte nas criaturas visíveis, pela força, pela beleza, ao paladar (COMÊNIO, 1971, p. 50-51).

A criação do mundo possui dois objetivos fundamentais: 1) Ser paraíso de delícias para o Criador; 2) servir de moradia e fonte de alimento para o homem. Além destas duas funções, as coisas criadas também cumprem a função de suscitar nos homens a admiração e o conhecimento do Criador, isto é o que pode ser extraído da proposição: “para que este mundo visível fosse como um espelho finíssimo do infinito poder, sabedoria e bondade de Deus, cuja contemplação suscitasse admiração pelo criador, promovessem o seu conhecimento, despertasse o amor por ele” (COMENIUS, 1997a, p. 50-51).

Na escrita da *Pampaedia*, Comenius (COMÊNIO, 1971, p. 51-52) explicita que a criação de Deus corresponde ao “Livro do Mundo”: “Ninguém põe em dúvida o valor do *Livro do Mundo*, o qual todos vêm abrir-se todos os dias diante de todos”.

Ao tratar do “Livro do Mundo”, ele o faz numa reflexão a respeito dos Livros Divinos, mas porque em seu tempo poucos tinham o texto bíblico nas mãos, ou alguns que tinham-no não faziam sua leitura. Assim, o “Livro do Mundo” se reveste de grande importância, pois todos podem facilmente reconhecer a pessoa do Criador. Por causa desta possibilidade é que ele cita Isaías, capítulo 11, versículo 9, no qual Deus promete que toda a terra se encheria do seu conhecimento (COMÊNIO, 1971, p. 52).

Na mesma *Pampaedia* ele pontua: “com efeito, Deus não criou o sol para que o contemplássemos apenas a ele, mas também, através dele, as restan-

tes obras de Deus, e não para que nos cegássemos, mas para que fôssemos iluminados” (COMÊNIO, 1971, p. 171). Infere-se que a relação do homem com a natureza ou com o mundo criado baseia-se na perspectiva de que, por meio dela, é possível alcançar o conhecimento do Criador.

Comenius (1997a, p. 97) argumenta que as obras da natureza são espelhos que refletem o Criador, em função disso é que Deus, ao criar o homem, dotou-o com os instrumentos dos sentidos. “O conhecimento tem sempre início necessariamente nos sentidos [...] As coisas, primeiro e imediatamente, imprimem-se nos sentidos, para depois, graças aos sentidos, se imprimirem no intelecto” (COMENIUS, 1997a, p. 233).

Já que a natureza é um dos livros divinos deixados por Deus para que o homem reconhecesse sua existência e o reverenciasse com cultos, não pode haver da parte do homem, apenas atitude de extrair da natureza suas riquezas, mas também deve compreender que o *cosmos* manifesta a existência do criador; portanto, cabe-lhe a incumbência de cuidar dela para que não lhe falte o conhecimento do criador.

O homem foi formado a partir da natureza

O autor em estudo reconhece que Deus criou o homem a partir do material pré-existente, o “barro” (COMENIUS, 1997a, p. 277), conforme o texto de Gênesis, capítulo 2, versículo 7: “Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente”. Neste contexto, é relevante, as palavras de Reimer (2010, p. 35) assinalam: “Para qualquer israelita, o termo *adam* necessariamente estabelece uma relação semântica com o termo *adamah*, que significa terra ou solo [...] os humanos são ‘seres saídos da terra’”, são *húmus*, daí *humanus*, da natureza.

Este pensamento pode ser percebido em Comenius (1997a, p. 21-22):

No princípio, Deus, formando o homem da lama da terra, instalou-o no Paraíso de delícias, que implantara no Oriente, não só para que o guardasse e cultivasse (Gn II,15), mas também para que fosse um jardim de delícias mesmo para seu Senhor. Assim como o Paraíso era a parte mais amena do mundo, também o homem era a mais delicada das criaturas. O Paraíso foi posto no Oriente; o homem era feito à imagem daquele que existe desde o início dos dias da eternidade [...] no homem foram reunidos todos os elementos materiais e todas as formas e seus graus, para exprimir toda a arte da divina Sabedoria.

Nesta discussão não pode ser esquecida a afirmação de Comenius (COMÊNIO, 1971, p. 44):

É de desejar que Deus atinja o objectivo que se propôs ao criar o homem. Quero dizer, o objectivo que o próprio Deus (após ter tomado a decisão de criar o homem) exprimiu com as seguintes palavras: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e presida aos peixes do mar, e às aves do céu, e aos animais selváticos e a toda a terra” (Génesis, 1,26). E quando disse ao homem depois de o haver criado: “sujeitai a terra e dominai-a” (Génesis 1, 28).

Da citação acima, colhe-se a informação de que o homem é senhor de si e goza do direito de sujeitar (no hebraico, *kabash*) e dominar (*radab*, no hebraico) a terra (REIMER, 2010, p. 39). Aliás, foi também com este objetivo que Deus criou o homem:

De onde se conclui que se algum homem se torna dissemelhante de Deus (isto é, não sabendo ou não podendo agradar ao seu Criador, dominar as criaturas e governar-se a si mesmo) afasta-se do objectivo que o Criador lhe determinou e, em vez da glória de Deus, daí resulta a sua ignomínia. E nós devemos precisamente desejar e aplicar-nos a que Deus não seja frustrado no objectivo que se propôs ao criar o homem, isto é, a sua glória (COMÊNIO, 1971, p. 45).

Visto assim, parece que a concepção de Comenius parte do princípio exploratório da natureza, ou que ele estivesse fundamentando o pensamento ocidental moderno para um *dominium terrae* irrestrito. Entretanto, afirma ele que o homem foi criado para cultivar e cuidar da criação, por isso se contrapõe àqueles que somente exploram a natureza e fazem dela coisas horríveis: “Se todos forem ensinados a observar isto devidamente, será possível libertar o mundo de muitos abusos horríveis e abomináveis” (COMÊNIO, 1971, p. 54).

As palavras comenianas são relevantes, sobretudo, se comparadas às ideias de Reimer, quando define os termos *kabash* e *radab*. Para Reimer (2010, p. 39), estes verbos aparecem em outras partes das Escrituras com diferentes interpretações; entretanto, em seu núcleo comum está a dominação, sujeição, posse, no sentido de “tornar a terra algo aproveitável”. Por conseguinte, não se devem utilizar os verbos acima para um domínio predatório da natureza, pelo contrário, o homem, como vice-gerente da criação, deve ser fecundo e protetor de toda a criação visível de Deus (BARBOZA, 2010, p. 145).

Hoekema (1999, p. 101) afirma que o homem, após sua queda, conforme o relato do texto bíblico de Génesis, capítulo 3, rompeu seu relacionamento com Deus, com o homem e com a natureza. Na perversão desta terceira relação, ao invés de dominar a terra em obediência e para a glória de Deus, o homem usa a terra e seus recursos para os seus próprios propósitos ego-

ístas. Explora os recursos naturais sem se preocupar com o futuro; derruba florestas sem se preocupar com reflorestamento; planta sem rodízio de culturas; assim, deixa de tomar medidas para evitar a erosão do solo. As fábricas poluem rios e lagos, suas chaminés poluem o ar, e por aí se vai.

Destaca-se que este retrato significativo de Hoekema parece ter sido a preocupação de Comenius, já no século XVII; por isso ele afirma: “Acrescentemos agora que é também do interesse das próprias coisas sujeitas ao domínio humano não serem administradas senão por homens sábios” (COMÊNIO, 1971, p. 73).

Um pouco mais adiante, Comenius refere-se à terra como a casa do homem dada por Deus: “Deus construiu tão opulentamente a casa [o mundo] que nos foi concedida para habitarmos que todas as coisas necessárias são abundantemente suficientes para todos, se formos doutros” (COMÊNIO, 1971, p. 76). A partir da compreensão acima é possível acenar que, ele, mesmo não utilizando o termo “ecologia”, parece ser um dos seus precursores, haja vista a semelhança de suas ideias com a definição de “ecologia” de Reimer (2010, p. 15): “Em tempos de globalização fala-se cada vez mais de ‘aldeia global’ ou ‘casa global’. Com isso, busca-se entender todo o nosso planeta Terra, ou melhor, todo o Universo como uma *grande casa*”.

Esta constatação colabora para com o foco do presente artigo, isto é, compreender nas obras comenianas que, em seu pensamento, o homem e a natureza devem viver em harmonia, não sendo opostos entre si; pelo contrário, ambos são obras da criação do Criador e seres viventes da mesma grande casa.

A relação do homem com a natureza presente em sua concepção escatológica

A partir das palavras acima, vale destacar as relevantes considerações de Comenius, que não pretende deixar dúvidas acerca da relação do homem com a natureza e, por isso, apela para que todos os homens tenham acesso à educação. Em sua concepção, a educação de todos não só redundaria em torná-lo “paraíso de delícias” para a glória do Criador (COMÊNIO, 1971, p. 66), beneficiar a si mesmo e ao próximo, mas também resultará em benefício para as coisas que estão sob seu domínio.

A educação do ser humano é do interesse de Deus, de cada homem e do interesse das coisas sujeitas ao domínio humano. Nota-se, aqui, uma preocupação com as questões relativas ao meio ambiente, palavra emprestada da atualidade. Neste *viés*, percebe-se a atualidade do pensamento comeniano, uma vez que esta é uma temática mundial atual, porém, só enfatizada, há poucos anos atrás.

Entretanto, o autor da *Didática magna* e da *Pampaedia* já demonstrava ser esta uma preocupação pertinente à sobrevivência do ser humano e do seu habitat. Quando o homem não exerce o seu domínio sábio sobre a natureza, esta sofre violência e geme sob o jugo humano. O resultado disso é que a natureza fica sujeita à inutilidade, pois não conseguirá servir ao homem como deveria (COMÊNIO, 1971, p. 73).

Ao afirmar que a natureza geme e espera ser libertada da escravidão iníqua imposta pelo homem (COMÊNIO, 1971, p. 50), Comenius utiliza o texto em que o apóstolo Paulo escreve aos Romanos, capítulo 8, versículos 19-22, os quais afirmam:

A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora.

O texto paulino aponta para o princípio de que, no momento presente, a criação geme e suporta angústias; todavia, há uma ardente expectativa de que não só o homem seja restaurado, mas igualmente toda a criação de Deus. Tratada esta passagem assim, é possível afirmar que o autor da *Pampaedia* tinha em mente duas questões: uma escatológica e a outra pensada para ser executada em seus dias.

Os pressupostos escatológicos de Comenius são apreciados no texto de Lopes (2006, p. 182-187). Lopes entende que a escatologia comeniana se baseia na ideia de eternidade. A eternidade é algo real porque o homem é composto de corpo e alma e ela possui como característica fundamental a eternidade. Por esta razão, Comenius (COMÊNIO, 1971, p. 78) faz questão de enfatizar que esta vida é uma preparação para a eterna e que o fim último da existência humana não está nesta vida terrena, mas na eternidade.

A própria razão nos mostra que uma criatura tão excelsa está destinada a um fim mais excelso que o de todas as outras criaturas: a regozijar-se junto a Deus, sumidade de todas as perfeições, glórias e bem-aventuranças [...] tudo o que fazemos ou sofremos nesta vida mostra que não atingimos aqui o fim último, mas que todas as nossas ações, assim como nós mesmos tendem para outro lugar [...] (COMÊNIO, 1997a, p. 46-47).

Ainda na *Didática magna* encontram-se as palavras de Comenius (1997a, p. 47-49):

Por tender para outra vida, esta vida não é vida (propriamente dita), mas um preâmbulo para a vida verdadeira e eterna [...] esta vida sobre a terra não passa de preparação para a eterna, e por esse motivo, não é de admirar que a alma, utilizando o corpo, procure obter o que quer que lhe seja útil na vida futura. Assim que terminam esses preparativos, migramos daqui, porquanto não são mais suficientes as coisas de que nos ocupamos aqui.

Lopes (2006, p. 184), ao citar Kucera, afirma que o conceito linguístico de Comenius se apoiava em sua inclusão no contexto histórico salvífico-escatológico. A partir deste raciocínio é possível compreender a hermenêutica que Comenius faz do texto paulino de Romanos, capítulo 8, versículos 18-22, qual seja, a realização plena da criação de Deus só ocorrerá na eternidade; mas, por outro lado, todos os homens, criados por Deus, são sacerdotes, chamados a servir a Deus, seu criador, no cuidado de toda a Sua criação (COMÊNIO, 1971, p. 59).

Este cuidado era necessário porque no estudo escatológico comeniano encontram-se indicativos de que ele acreditava num paraíso terrestre restaurado pela ação divina. Para ele, a implantação deste paraíso não demoraria muito; daí suas palavras: “O fim está próximo” (COMÊNIO, 1971).

Nisto percebe-se a influência dos milenaristas hussitas-taboritas no pensamento comeniano, os quais, mesmo sendo um pequeno exército, e em condições menos favoráveis que o exército da Casa de Áustria, venceu várias vezes esse exército; e a principal razão foi sua concepção de que haveria uma salvação coletiva, terrestre, iminente, total e sobrenatural, ou seja, a implantação de um paraíso terrestre, cheio de felicidade, o qual ocorreria após o fim do mundo, inaugurando o novo céu e nova terra.

O próprio Comenius deixa transparecer sua crença em um paraíso terrestre, e talvez este teria sido um dos grandes motivadores de seus escritos ou produções literárias. Somado a isto, não se pode esquecer da influência de Alsted, o qual escreveu uma obra intitulada *De mille annis apocalypsis*, na qual predizia o advento do reinado milenar para 1694, na sua *Magna reformatio* (LOPES, 2007).

LEE (1986, p. 150), comentando a respeito da concepção milenarista de Comenius, afirma:

Comenius acreditava que Jesus Cristo voltaria novamente a esta terra para consolar e salvar todas as pessoas, e então estabeleceria seu reinado por mil anos [...]. Comenius concebia que a volta de Jesus Cristo colocaria o fim na injustiça e a vitória final de Deus livraria todos do poder do mal.

Com a concepção de um paraíso terrestre, implantado nesta terra, é permitido afirmar que deve haver harmonia na relação do homem com a natureza; do contrário, a terra gerará debaixo da servidão iníqua dos homens. Por isso, ele conclama que os homens sejam educados, inclusive na valorização de todas as coisas.

Com efeito, do mesmo modo que um jardim se torna melhor com um bom que com um mau jardineiro, um ofício se torna melhor com um bom que com um mau artesão, uma família se torna melhor com um prudente que com um mau pai de família, um reino se torna melhor com um rei sábio que com um rei ignorante, um exército se torna melhor com um general experimentado, etc., assim também acontece com quaisquer outras coisas sob a direcção de homens que as possuem e as utilizam segundo o seu direito, desde que saibam utilizá-las legitimamente. (COMÊNIO, 1971, p. 48).

No final das palavras acima é registrada a proposição: “desde que saibam utilizá-las legitimamente”. O uso legítimo não é só relativo ao direito, mas é, sobretudo, ao cuidado, conforme Comenius (COMÊNIO, 1971, p. 49) acena, ao citar o livro de Provérbios de Salomão, capítulo 12, 10: “O homem justo preocupa-se até com a vida do seu jumento; mas o ímpio é cruel”.

Com o mesmo raciocínio ele afirma: “Por conseguinte, deve desejar-se que todos os homens sejam ensinados a bem conhecer e a bem compreender as coisas e a usá-las e a fruí-las correctamente” (COMÊNIO, 1971, p. 50). No mesmo contexto, vale lembrar as suas palavras:

E, desse modo, conseguir-se-á que o Paraíso perdido seja reencontrado, isto é, que o mundo inteiro se torne, para Deus, para nós e para as coisas, um jardim de delícias. Sabemos que isso se realizará plenamente na eternidade; mas que isso aconteça, ao menos incoactivamente, também no limiar da eternidade, no fim do mundo que se avizinha, é o que é necessário desejar, esperar e procurar realizar, com a ajuda de Deus. Amém. (COMÊNIO, 1971, p. 56-57).

Diante do exposto, também na concepção escatológica de Comenius está a base para afirmar que a relação do homem com a natureza colabora para a compreensão de que o homem foi criado para proteger a criação de Deus e, dentre suas tarefas, está a de restaurar novamente esta terra no paraíso terrestre do Criador.

Não há lugar para abusos, nem ações puramente exploratórias fruto da ganância humana, pelo contrário, ele é o sacerdote de Deus encarregado por cuidar das coisas que lhes foram confiadas; deve-se, por conseguinte, ter

em mente o amor à vida e a todas as coisas, “de modo que, se há qualquer coisa que se lhe siga, seja também vida e não morte. De outro modo, se, pela vida, se devesse chegar à morte, teria sido preferível não ter nascido” (COMÊNIO, 1971, p. 67-68).

Dito isto, há ainda outro importante argumento que explicita a relação do homem com a natureza no pensamento comeniano, trata-se do método de ensinar todas as coisas.

3. A relação do homem com a natureza no pensamento pedagógico de Comenius

O método único do ensino é o que segue as leis da natureza

Com foco na relação do homem com a natureza, na leitura tanto da *Didática magna* quanto da *Pampaedia*, Comenius dá uma abundância de exemplos emprestados da natureza, conforme as palavras de Kulesza (1992, p. 106) em seu comentário a respeito da ordem da escola: “a ordem que deve reinar na escola não é constituída por uma elaboração teórica, mas deve ser emprestada da natureza, pois ‘a arte nada pode fazer, a não ser imitando a natureza’”. Assim, concebe-se “que o método único de ensino é o que segue as leis da natureza” (GASPARIN, 1994, p. 147).

Está explícito que há uma profunda consideração de Comenius pela natureza, por esta razão, pode-se afirmar que, mesmo em algumas partes da *Didática magna* ou da *Pampaedia* onde transparece o pensamento de “exploração da natureza”, quando há um estudo aprofundado de suas obras, o equívoco se desvanece. Um exemplo disso é a discussão comeniana em torno do termo “útil” com referência à natureza.

Na leitura da *Didática magna*, ao comentar a respeito da criação do mundo, e por considerar o homem a mais elevada, perfeita e excelsa das criaturas, Comenius (1997a, p. 41) explicita que a verdadeira vida humana não está na atual, mas na futura que, é a eterna. Para ele, o fim último do homem está fora desta vida, de maneira que, por mais que o conhecimento seja adquirido nesta vida, ainda não é suficiente para saciar o desejo de conhecer do homem. Este desejo somente será saciado na eternidade (COMÊNIO, 1997a, p. 43-47).

Bem próximo ao pensamento de Platão¹, Comenius (1997a, p. 50) demonstra que, em sua concepção, esta vida não passa de preparação para a eterna, e “por esse motivo, não é de admirar que a alma, utilizando o corpo, procure obter o que quer que lhe seja útil na vida futura”. O termo “útil” é

¹ Para a compreensão das proximidades do pensamento de Comenius com Platão, na tratativa desta temática, ler Lopes (2008).

digno de destaque nesta parte da *Didática*, pois assinala o princípio de que para o Pai da Pedagogia Moderna, o mundo visível foi criado para ser útil ao homem.

Ele justifica a variedade das espécies criadas pelo Criador, considerando que tudo foi criado para que nada faltasse em termos de alimento à mente do homem e que ao mesmo tempo servisse para lhe fazer refletir a respeito do infinito poder, sabedoria e bondade de Deus (COMÊNIO, 1997a, p. 50). Infere-se daí que, para ele, o “mundo é tão somente o lugar onde nascemos e nos alimentamos [...] [Um pouco mais adiante ele explicita:] Tudo, pois, existe em função do homem, inclusive o tempo” (COMÊNIO, 1997a, p. 51).

Estudado apenas com este viés, pode-se ter uma conclusão não muito segura sobre o pensamento de Comenius a respeito da relação do homem com a natureza. Em função disso, vale destacar que, na *Pampaedia*, ele demonstra sua ideia quanto ao significado de “utilidade”. Para ele, as coisas são “úteis” quando são utilizadas corretamente a fim de atingir o objetivo próprio de sua natureza. “É do interesse das coisas, para que não corram o risco de serem perpetuamente inúteis, porque incorrectamente utilizadas pelos homens (ou seja, nem para glória de Deus, nem para salvação sua)” (COMÊNIO, 1971, p. 44).

Almeida (2007), em sua reflexão intitulada *A crise do meio ambiente e a teologia de Leonardo Boff: uma perspectiva da teologia evangelical*, explicita que uma das razões para a instauração desta crise é a ganância do homem, quando este se utiliza da natureza sem a preocupação de fazer o seu uso correto. Aí está uma concepção que Comenius já assinalava no século XVII, quando afirma: “[que os homens] sejam ensinados a englobar dentro dos limites da prudência os negócios da vida presente, de modo que, mesmo neste mundo, todas as coisas estejam (o melhor possível) em completa segurança” (COMÊNIO, 1971, p. 40). Podem-se ler, em suas palavras, indicativos de sua preocupação com a segurança do cosmos quando ocorre o uso impróprio da natureza. Talvez, por causa disso, ele proferiu as palavras:

Se conseguirem [...] disporão de antídotos contra a sua infelicidade os pobres mortais, a maioria dos quais não se preocupa com o futuro, põe em perigo o presente, todos estão em desacordo e lutam com todos e cada um consigo mesmo (nos seus pensamentos, palavras e acções) e, pela discórdia, arruinam-se e perecem (COMÊNIO, 1971, p. 40).

Por conseguinte, seu princípio de utilidade difere do utilitarismo, uma vez que ele não parte de uma concepção “exploratória da natureza”, e, sim, do uso devidamente adequado das coisas visíveis. É assim que ele pontua

que a natureza deve ser alvo de observação e de imitação. Isto pode ser evidenciado quando Comenius utiliza a natureza como exemplo e modelo para a arte de ensinar e aprender. Para fundamentar esta reflexão é relevante acenar para o princípio de que, ao invés de fazer usos impróprios e exploratórios da natureza, Comenius se serve dela para tornar seu método de ensinar agradável.

A natureza aguarda o momento propício²

O pássaro não inicia a reprodução no inverno, nem no verão, nem no outono, mas na primavera, quando o sol dá vida e vigor a todas as coisas. As escolas contrariam esse princípio de duas maneiras: não aproveitando o tempo oportuno para exercitar os engenhos; e não organizando cuidadosamente os exercícios de modo que tudo avance gradualmente e sem erros. A criança não pode ser instruída enquanto é pequena demais, assim como não é de bom alvitre instruir o homem, nem na idade adulta, nem na velhice. Deve ser feito no vigor da vida e da mente. Deve-se, pois, dar início à formação do homem durante a idade primaveril, durante a infância (COMÊNIO, 1997a, p. 148).

A natureza prepara a matéria antes de começar a introduzi-lhe a forma

A partir do mesmo exemplo citado acima, observa-se que primeiro ele desprende uma gota de seu sangue, depois o ovo, para só depois vir o filhote. De forma análoga, as escolas precisam ter à sua disposição os instrumentos necessários para que os jovens possam aprender com desenvoltura, tais como, livros, quadros, exemplos, modelos etc. Que devem ser aplicados por profissionais competentes para que os resultados sejam bons.

Comenius entende que as escolas usam métodos errados, como ensinar primeiro as palavras antes das coisas, ensinar regras abstratas para só depois virem a ser esclarecidas etc. Para corrigir métodos equivocados, desde sua origem, Comenius diz ser necessário (1997a, p. 151):

Primeiro, ter prontos os livros e todos os outros instrumentos didáticos. Segundo, que o intelecto seja formado antes da língua. Terceiro, que não se aprenda nenhuma língua a partir da gramática, mas apenas a partir de autores apropriados. Quarto, as disciplinas reais devem preceder as lógicas. E por último, os exemplos devem preceder as regras.

² Os subtítulos, a seguir, foram extraídos literalmente da *Didática magna*, capítulo XVI.

A natureza toma um indivíduo apto e prepara-o antes, oportunamente

O pássaro coloca no ninho, para chocar um ovo, objeto próprio para dele nascer um passarinho. No processo de chocar o ovo ele não só o aquece como vai revirando-o até que o passarinho esteja pronto para sair daquele recipiente. Isto significa que é preciso predispor as mentes dos alunos para depois ensiná-los. É o que pode ser visto na afirmação de Comenius (1997a, p. 152-153):

Na maioria das vezes, tenta-se enxertar as mudas da ciência, dos costumes e da piedade antes que a planta tenha lançado raízes, antes de estimular o amor pelo estudo naqueles que a isso não foram estimulados pela própria natureza. Os arbustos e as estacas não foram limpos antes da plantação: as mentes não foram liberadas das ocupações supérfluas, nem foram submetidas à ordem.

Nota-se nas palavras acima a preocupação dos envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem quanto ao momento mais apropriado para a iniciação educacional. Isto, na concepção comeniana pode ser aprendido com a natureza.

Ao formar um pássaro, antes de fazê-lo voar, há um processo constitutivo de ossos, nervos, veias, carne, pele, penas, etc. Para Comenius (1997a, p. 154), as escolas erram quando, não seguindo a sabedoria da natureza, abarrotam as mentes dos alunos com muitos conhecimentos de uma só vez, ou ao mesmo tempo. A ideia é que se ensine e se aprenda uma coisa por vez em dado momento da vida, conforme a natureza ensina.

Diante do exposto, ficou explicitado, tanto no pensamento teológico quanto pedagógico de Comenius, que ele não concebe uma concepção “exploratória da natureza”, e, sim, o uso que não seja prejudicial ao homem que também é parte integrante da natureza.

Considerações finais

Ainda que não seja possível aplicar o termo meio ambiente a João Amós Comenius, por ser uma palavra diretamente relacionada com os tempos modernos, por outro lado, não se pode negar que ele já apontava para esta preocupação em pleno século XVII. Por si, esta constatação pontua que ele estava à frente do seu tempo e que é um autor clássico, uma vez que suas ideias perpassam por várias gerações, que resulta em sua sempre atualidade. Percebe-se que o Pai da Pedagogia Moderna, à semelhança dos filósofos gregos, como Aristóteles e outros, estava preocupado com a felicidade, não em termos egocêntricos, porém em descobrir antídotos contra a infelicidade; e no centro

desta preocupação estava a relação do homem com a natureza (COMÊNIO, 1971, p. 40), ou melhor, o respeito do homem pela natureza. Afinal de contas, nesta mesma terra seria implantado o paraíso terrestre do Criador.

Referências

- ABBAGNANO, N. Humanismo. In: _____. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 518-519.
- ALMEIDA, M. **A crise ecológica e a teologia de Leonardo Boff**: uma resposta na perspectiva da teologia evangelical. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.
- ANTISERI, D.; REALE, G. **História da filosofia**. São Paulo: Paulus, 1990. v. II.
- BARBOZA, A. W. V. **O mito e a história na criação**: uma análise literária de Gênesis 1.1-2.3. São Paulo: Fonte, 2010.
- BOFF, L. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- COMÊNIO, J. A. **Pampaedia** (Educação universal). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1971.
- COMENIUS, J. A. **Didática magna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997a.
- _____. **The labyrinth of the world and the paradise of the heart**. New Jersey: Paulist Press, 1997b.
- EBY, F. **História da Educação Moderna**. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.
- FALCON, F. J. C. **Iluminismo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- HOEKEMA, A. **Criados à imagem de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.
- HOOFT, V. Prefácio. In: BIÉLER, A. **O humanismo social de Calvino**. São Paulo: Oikoumene, 1970. p. 7-8.
- LEE, S.J. **The relationship of John Amos Comenius' theology to his educational ideas**. New Jersey: Berkeley, 1986.
- LOPES, E. P. **A inter-relação da teologia com a pedagogia no pensamento de Comenius**. São Paulo: Mackenzie, 2006.
- _____. **Fundamentos da teologia da educação cristã**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.
- _____. O cuidado com a alma imortal nos diálogos Fédon, Fedro e República, de Platão. **Estudos de Religião**: Revista da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, ano XXII, n. 35, p. 178-194, jul./dez. 2008.
- _____. O milenarismo dos taboritas na Boêmia do século XV e sua influência no pensamento de João Amós Comenius. **Revista de Ciências da Religião**: História e Sociedade: Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 33-58, 2007. Disponível em: <<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/cr>>. Acesso em: 11 nov. 2009.
- NUNES, R.A. **História da educação na Idade Média**. São Paulo: EPU/Edusp, 1979.
- PEARCEY, N. R.; THAXTON, C. B. **A alma da ciência**: Fé cristã e filosofia natural. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

REIMER, H. **Bíblia e ecologia**. São Paulo: Reflexão, 2010.

RUSSELL, C. **Cross-Currens**: internactions Between Religion and Science. Grand Rapids: Eerdmans, 1985.

SCHAEFFER, F. **A morte da razão**. 4. ed. São José dos Campos: Fiel, 1986.

SPRINGSTED, E. O.; DIOGENES, A. **Filosofia para entender teologia**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

THE UNITED Nations declared 2010 to be the International Year of Biodiversity. Disponível em: <www.cbd.int/2010/welcome/>. Acesso em: 28 nov. 2010.